

GLOBALIZAÇÃO, ALTERAÇÕES ESTRUTURAIS DAS EXPORTAÇÕES E TERMOS DE TROCA DE PORTUGAL*

Fátima Cardoso**

Paulo Soares Esteves**

1. INTRODUÇÃO

As flutuações dos termos de troca constituem um importante tema de análise económica. Além dos seus efeitos directos no bem-estar, medidos pelos recursos que são necessários despende para continuar a assegurar o mesmo nível de importações, os termos de troca são extremamente voláteis, constituindo uma origem importante de flutuações económicas. Assim, tornou-se frequente utilizar fórmulas mecânicas para medir o impacto dos termos de troca no PIB [Gutman (1981)] e incluir os termos de troca como um factor explicativo dos ciclos económicos [Backus e Crucini (2000)].

Este artigo analisa a evolução dos termos de troca de Portugal ao longo das últimas décadas. A análise centra-se no comércio externo de bens excluindo energéticos, atendendo a que os efeitos de curto e médio prazos dos preços de importação de combustíveis nos termos de troca são bem perceptíveis e fáceis de quantificar devido à significativa volatilidade do preço do petróleo, ao elevado peso das importações líquidas e à baixa elasticidade-preço da procura. A Secção 2 descreve os dados disponíveis, tentando caracterizar os recentes ganhos de termos de troca (excluindo energéticos) evidenciados pela economia portuguesa. É importante enquadrar este fenómeno numa perspectiva histórica e verificar se tal evolução é uma situação específica da economia portuguesa. Adicionalmente, tenta-se analisar se o aumento dos termos de troca resultou maioritariamente da evolução dos preços de exportação ou de importação.

A Secção 3 apresenta uma decomposição da evolução dos termos de troca por tipo de produtos, seguindo uma abordagem em linha com a apresentada em Baxter e Kouparitsas (2006). A primeira componente desta decomposição mede o efeito da especialização sectorial de cada país. Uma economia tende a apresentar um aumento dos termos de troca se estiver especializada em produtos cujos preços internacionais apresentam um maior crescimento. Estes efeitos podem considerar-se relativamente exógenos, pelo menos no curto prazo, na medida em que habitualmente não é fácil ou é mesmo impossível deslocar a produção para outros sectores. Tipicamente, este tipo de especialização depende das dotações do país em recursos humanos, capital e recursos naturais. A segunda componente está relacionada com diferenças entre preços de exportação e de importação para cada tipo de produto, isto é, com a posição da produção nacional nos diferentes segmentos de mercado bem como com a capacidade para importar de mercados com preços mais baixos.

Os resultados mostram que a evolução dos termos de troca foi dominada pelos efeitos de especialização relacionados com os preços do petróleo. Excluindo os energéticos e considerando os bens manufacturados, o aumento dos termos de troca está fortemente relacionado com a subida dos preços

* As opiniões expressas no artigo são da responsabilidade dos autores não coincidindo necessariamente com as do Banco de Portugal. Os autores agradecem a Nuno Alves, Sónia Cabral, Mário Centeno e Ana Cristina Leal os comentários e sugestões a versões anteriores do artigo. Um especial agradecimento a Pedro Próspero pelo apoio informático no tratamento dos dados de comércio externo cedidos pelo Instituto Nacional de Estatística. Todos os erros e omissões são da inteira responsabilidade dos autores.

** Departamento de Estudos Económicos, Banco de Portugal.

relativos das exportações em diversos grupos de produtos, em particular nos designados sectores tradicionais: têxteis, vestuário e calçado.

As Secções 4 e 5 tentam aprofundar estes resultados, que sugerem os efeitos da globalização nos preços de importação e algumas alterações estruturais em sectores exportadores tradicionais como factores explicativos do recente aumento dos termos de troca. Na Secção 4, é apresentada uma estimativa do efeito directo dos países de baixos custos na evolução dos preços das importações portuguesas de manufacturas, usando o mesmo tipo de metodologia utilizada em alguns estudos para outros países. Na Secção 5, o sector do vestuário é apresentado como *case-study* para avaliar o papel das alterações estruturais no sector exportador. Existe evidência de que se verificou uma alteração da composição neste sector, no sentido de um aumento do peso relativo de produtos de gama mais elevada, contribuindo para um acréscimo dos preços médios de exportação.

Finalmente, a Secção 6 sintetiza as principais conclusões.

2. COMO CARACTERIZAR O RECENTE GANHO DOS TERMOS DE TROCA DE PORTUGAL?

Quão invulgar foi esse aumento?

O Gráfico 1 apresenta a evolução dos termos de troca portugueses ao longo dos últimos 60 anos, com base nas séries históricas habitualmente utilizadas pelo Banco de Portugal [Pinheiro *et al.* (1999)] para o período anterior a 1995 e nos deflatores do comércio externo do Instituto Nacional de Estatística (INE) para o período posterior.

Desde o final da década de 80 e contrastando com a aparente estabilidade observada anteriormente, os termos de troca começaram a registar uma tendência de subida, interrompida nos anos mais recentes, num contexto de um significativo aumento do preço do petróleo. Essa tendência de subida não pode ser explicada pelos efeitos directos do preço de petróleo. Com efeito, excluindo a componente energética, a tendência de subida dos termos de troca desde o final dos anos 80 é ainda mais evidente.

Gráfico 1

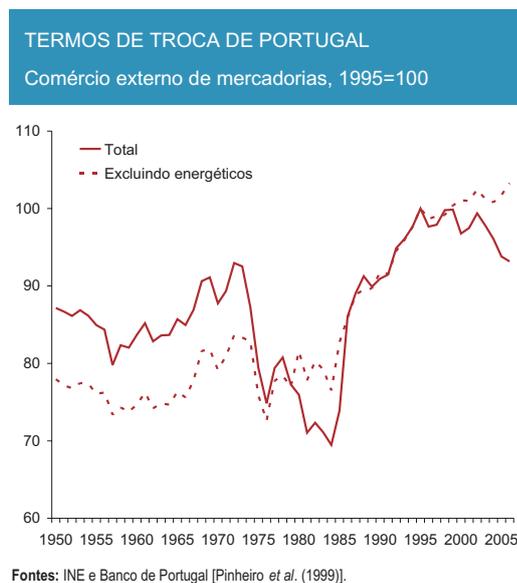
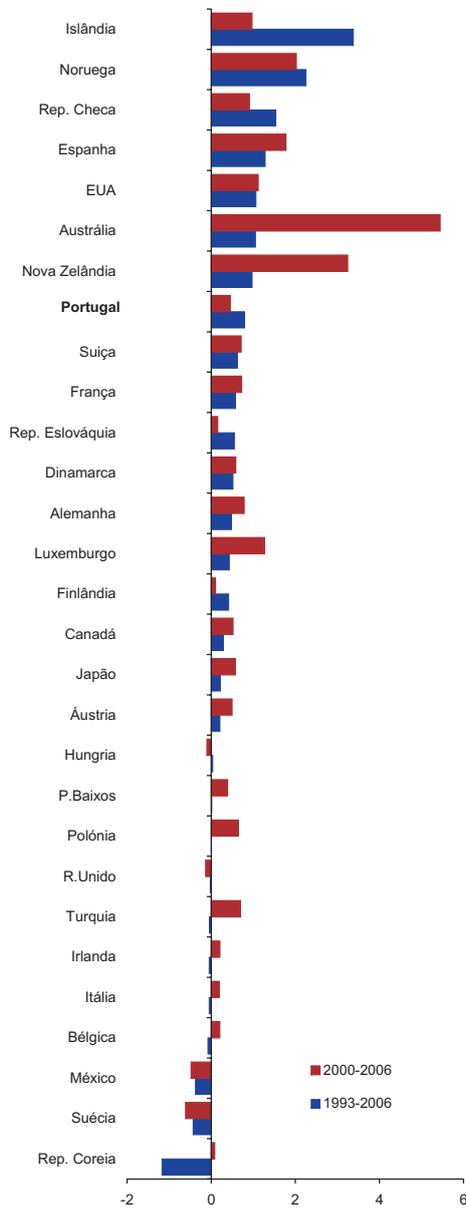


Gráfico 2

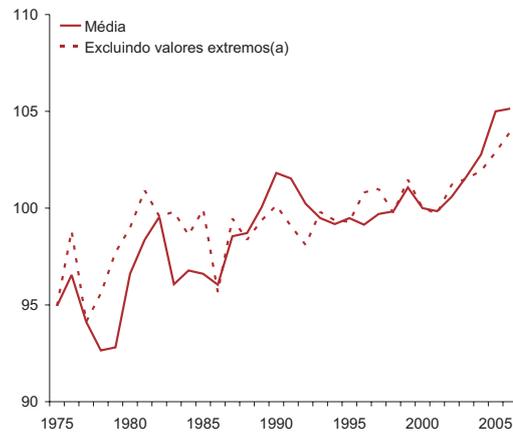
TERMOS DE TROCA NOS PAÍSES DA OCDE
Bens e serviços excluindo matérias-primas
Taxas de variação médias anuais



Fonte: OCDE.

Gráfico 3

TERMOS DE TROCA EM 23 PAÍSES DA OCDE
Bens e serviços excluindo matérias-primas,
2000=100

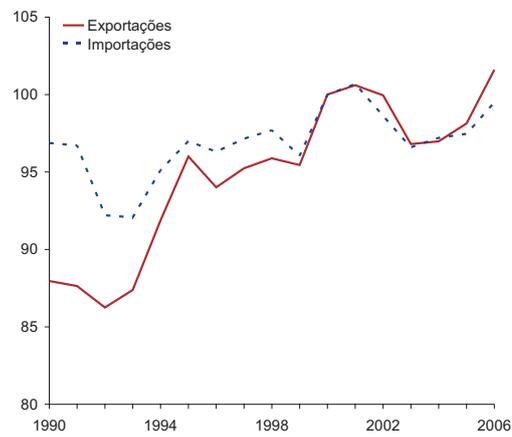


Fonte: OCDE.

Nota: (a) Excluindo observações fora do intervalo definido por 2 desvios-padrão em torno da média.

Gráfico 4

PREÇOS DO COMÉRCIO EXTERNO DE PORTUGAL
Bens excluindo energéticos, 2000=100



Fonte: INE.

Foi esse aumento uma característica especial da economia portuguesa?

O Gráfico 2 apresenta a evolução dos termos de troca para os países da OCDE, considerando o comércio externo de bens e serviços excluindo matérias-primas. Parece evidente que se verificou um ganho generalizado de termos de troca desde o início dos anos 90, e que esses ganhos foram mais acentuados no período mais recente. Com base na média não ponderada dos países da OCDE, a taxa de crescimento médio anual foi de 0.8 por cento desde 2000, contra um aumento anual de 0.5 por cento desde 1993.

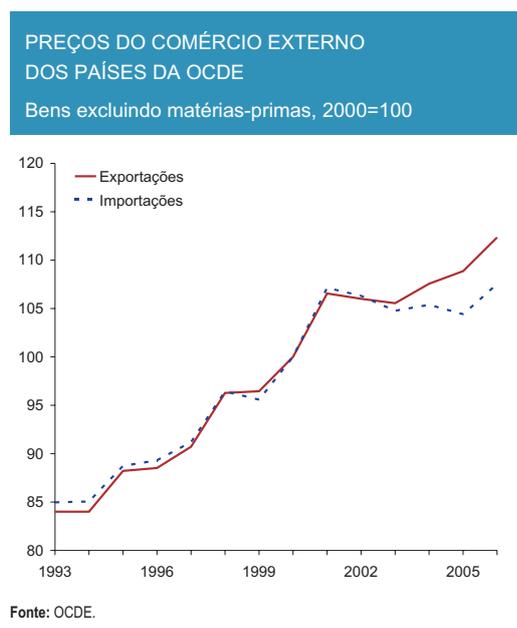
A mesma evidência é obtida quando se considera um período mais longo. O Gráfico 3 apresenta a evolução dos termos de troca (bens e serviços excluindo matérias-primas) para o período posterior a 1975, considerando uma amostra de 23 países da OCDE. Os termos de troca permaneceram em níveis superiores na segunda parte da amostra, com uma tendência de subida mais evidente nos anos mais recentes, quando os termos de troca registaram níveis máximos.

Essa evolução esteve mais relacionada com os preços de exportação ou de importação?

O aumento dos termos de troca (excluindo energéticos) de Portugal na primeira metade dos anos 90 verificou-se num contexto de aumento dos preços de exportação e de importação (Gráfico 4). O comportamento foi diferente a partir de 2000, quando ambos os preços passaram a registar evoluções mais contidas. Esta evolução é ainda mais evidente quando se excluem os bens intermédios – nesse caso, tanto os preços das exportações como o das importações registaram uma diminuição desde 2000 (4.9 e 1.8 por cento respectivamente).

Este tipo de evolução dos preços não ocorreu apenas em Portugal. O Gráfico 5 apresenta a evolução dos preços de exportação e importação (excluindo matérias-primas) para os países da OCDE, realçando que os ganhos de termos de troca desde o final dos anos 90 ocorreram num contexto de estagnação dos preços de importação.

Gráfico 5



3. DECOMPOSIÇÃO DA EVOLUÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

Os termos de troca resultam da diferença entre índices de preços que medem os deflatores das exportações (P_x) e das importações (P_m), os quais podem ser expressos como uma média ponderada das suas várias componentes¹:

$$P_{x,t} - P_{m,t} = \sum_{i=1}^n \left(\frac{p_{x_i,t}}{p_{x_i,t-1}} \omega_{x_i,t} - \frac{p_{m_i,t}}{p_{m_i,t-1}} \omega_{m_i,t} \right) \quad (1)$$

com p_{xi} e w_{xi} (p_{mi} e w_{mi}) a representarem o preço e o peso de cada componente i nas exportações (importações). Em linha com Baxter e Kouparitsas (2006), a manipulação da equação anterior permite decompor a evolução dos termos de troca em duas componentes²:

$$P_{x,t} - P_{m,t} = \sum_{i=1}^n \left(\omega_{x_i,t} - \omega_{m_i,t} \right) \frac{p_{i,t}^*}{p_{i,t-1}^*} + \sum_{i=1}^n \left(\frac{p_{x_i,t}}{p_{x_i,t-1}} - \frac{p_{m_i,t}}{p_{m_i,t-1}} \right) \omega_{i,t}^* \quad (2)$$

$$\frac{p_{i,t}^*}{p_{i,t-1}^*} = \frac{\frac{p_{x_i,t}}{p_{x_i,t-1}} + \frac{p_{m_i,t}}{p_{m_i,t-1}}}{2}, \quad \omega_{i,t}^* = \frac{\omega_{x_i,t} + \omega_{m_i,t}}{2}$$

O primeiro termo pode ser designado como um efeito de **especialização inter-sectorial**, o qual mede os efeitos das diferentes composições sectoriais das exportações e importações. Um país tende a registar ganhos (perdas) de termos de troca se estiver mais (menos) especializado em bens cujos preços registam um maior crescimento. O exemplo mais óbvio está relacionado com as matérias-primas, em particular com o petróleo. Quando se verifica um aumento do preço do petróleo, os países importadores tendem a registar uma deterioração dos seus termos de troca. O outro termo pode ser designado como um **efeito intra-sectorial**, o qual está relacionado com o preço relativo entre as exportações e as importações do mesmo tipo de produto. Este efeito depende da posição da produção nacional nas diferentes gamas de mercado bem como da capacidade para importar de mercados com preços mais baixos.

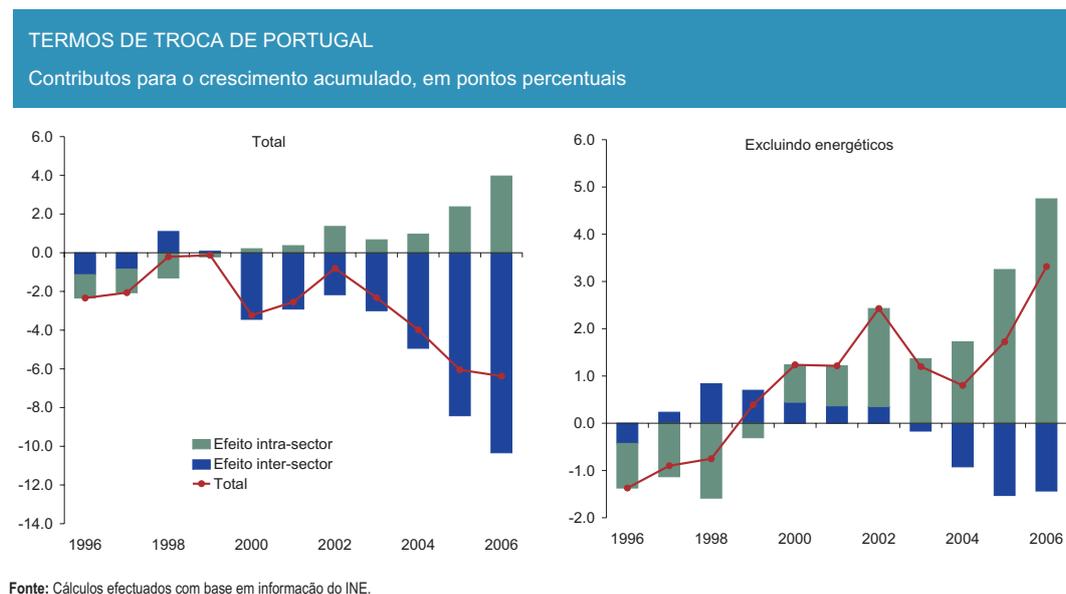
O Gráfico 6 apresenta o resultado desta decomposição para o período posterior a 1995, enquanto o Quadro 1 contém informação detalhada da evolução dos preços de exportação e importação nos vários grupos de produtos bem como o contributo para a evolução dos termos de troca através destes dois tipos de efeitos.

A evolução dos termos de troca de Portugal foi significativamente influenciada pelo efeito de especialização inter-sectorial relacionado com o preço do petróleo (o contributo da componente energética e a evolução total dos termos de troca apresentam um coeficiente de correlação superior a 0.8). A **componente energética** contribuiu negativamente em 9.7 p.p. para a descida de 6.4 por cento registada pelos termos de troca desde 1995. Este contributo foi particularmente negativo durante os anos mais recentes.

(1) Os deflatores do comércio externo (P_x e P_m) são calculados como índices do tipo Paasche, que medem as variações de preços face ao período anterior.

(2) Este tipo de decomposição foi utilizado em Baxter e Kouparitsas (2006) para estudar a volatilidade de termos de troca. Uma limitação deste tipo de análise prende-se com o facto dos resultados dependerem do nível de desagregação utilizado.

Gráfico 6



Quando se exclui a componente energética e se centra a análise no comércio de manufacturas, o efeito de especialização intra-setorial emerge como o principal responsável para o aumento dos termos de troca, em especial desde 2000. Este tipo de flutuações pode estar relacionado com efeitos de qualidade, relacionados com uma evolução diferenciada da composição das exportações e importações em cada um dos sectores.

Os termos de troca no comércio de **manufacturas** registaram um aumento de 2.6 por cento durante o período considerado. No entanto, esse aumento não foi generalizado entre os vários grupos de produtos considerados.

Esses efeitos estiveram muito relacionados com o comportamento dos preços dos produtos dos **têxteis, vestuário e calçado**, os quais contribuíram positivamente em mais de 4 p.p. para a evolução global dos termos de troca. Esses ganhos foram comuns aos três sectores, reflectindo a forte queda dos preços de importação, os quais registaram uma taxa de crescimento negativa de cerca de 14 por cento desde 1995, enquanto os preços de exportação aumentaram em mais de 11 por cento.

O mesmo tipo de fenómeno verificou-se nos **produtos de borracha e plástico**, o qual também deu um contributo importante para os ganhos de termos de troca. A forte redução dos preços de importação (cerca de 13 por cento) e a manutenção de um crescimento positivo dos preços de exportação (acima de 18 por cento) traduziram-se num ganho de termos de troca superior a 30 por cento. Os **produtos químicos** deram também um contributo positivo, mas que não esteve relacionado com uma descida dos preços de importação, os quais continuaram a crescer embora a um ritmo mais lento do que os preços de exportação.

As **máquinas e equipamento** registaram também uma assinalável redução dos preços de importação, embora neste caso o mesmo também tenha ocorrido com os preços de exportação, de forma que o contributo para a evolução dos termos de troca foi ligeiramente negativo. Refira-se que este resultado tem subjacentes situações muito diferentes a nível mais desagregado, reflectindo a habitual falta de homogeneidade deste tipo de produtos. Na classificação considerada, existiu um forte aumento dos termos de troca no grupo "**máquinas de escritório e computadores**", reflectindo a descida dos preços de importação; o sector rádio, televisão e comunicações registou uma descida dos preços de

Quadro 1

COMÉRCIO EXTERNO E TERMOS DE TROCA POR GRUPOS DE PRODUTOS (1995-2006)

Em percentagem

	Pesos médios implícitos		Variação acumulada			Contributos para a variação acumulada dos termos de troca		
	Exportações	Importações	Preços de exportação	Preços de importação	Termos de troca	Efeito inter-sector	Efeito intra-sector	Efeito total
Agric.silv.e pescas	1.3	5.3	27.9	3.0	24.9	-0.6	0.7	0.1
Energéticos	2.2	9.0	189.3	219.1	-29.8	-8.9	-0.8	-9.7
Produtos das Indústrias Extractivas	0.8	0.3	78.2	20.6	57.6	0.3	0.2	0.5
Manufacturas	95.7	85.4	5.1	2.5	2.6	-1.1	3.8	2.7
Alimentares e bebidas	6.3	8.5	6.5	11.7	-5.2	-0.2	-0.3	-0.5
Têxteis, Vestuário e calçado	23.9	9.0	11.6	-14.1	25.8	0.3	3.9	4.2
Têxteis	8.8	4.8	4.4	-14.9	19.3	-0.2	1.3	1.2
Vestuário	9.1	2.2	8.3	-20.0	28.3	-0.1	1.5	1.4
Calçado	6.0	2.0	30.7	-2.8	33.5	0.6	1.1	1.6
Madeira, cortiça e papel	9.4	3.8	-2.0	-2.2	0.3	-0.2	0.1	-0.1
Minerais e produtos metálicos	9.4	9.6	18.4	17.8	0.7	0.2	-0.2	0.0
Produtos químicos	5.4	10.8	28.0	12.4	15.6	-1.0	1.5	0.5
Artigos de borracha e de matérias plásticas	3.0	3.2	18.5	-13.0	31.5	0.1	1.0	1.1
Máquinas e equipamentos	19.3	22.4	-8.8	-7.3	-1.5	-0.2	0.0	-0.2
Máq. escritório e computadores	1.1	2.7	44.4	-41.9	86.3	-0.1	1.6	1.5
Equip. de som e imagem	6.2	5.8	-32.9	-0.2	-32.7	0.0	-2.2	-2.2
Outras máquinas e equipamentos	12.0	14.0	4.2	-0.5	4.6	-0.1	0.5	0.5
Material de transporte	16.1	15.6	-7.3	10.9	-18.2	-0.1	-2.7	-2.8
Outros	2.9	2.5	15.9	-2.5	18.3	0.0	0.6	0.5
TOTAL	100.0	100.0	8.9	15.7	-6.8	-10.3	4.0	-6.4
Total excluindo energéticos	97.8	91.0	5.8	2.6	3.3	-1.4	4.7	3.3

Fonte: Cálculos efectuados com base em informação do INE (índices trimestrais do tipo Paasche).

exportação e logo dos termos de troca; o item “**outras máquinas e equipamento**” registou pequenas variações dos preços de importação e de exportação, e consequentemente termos de troca relativamente estáveis.

Os preços do comércio externo do **material de transporte** registaram uma evolução singular. Os preços de importação continuaram a crescer enquanto os preços de exportação apresentaram alguma diminuição, de forma que este sector deu o contributo mais negativo para a evolução dos termos de troca.

4. OS EFEITOS DOS PAÍSES DE BAIXOS CUSTOS NOS PREÇOS DE IMPORTAÇÃO DE MANUFACTURAS DE PORTUGAL

Como referido anteriormente, o recente ganho de termos de troca nas manufacturas, ocorreu num contexto de uma relativa estabilização dos preços de importação. Nesta secção, tenta-se perceber até que ponto essa evolução está relacionada com o aumento do peso dos países de baixos custos nas importações portuguesas. Isto porque a crescente integração desses países é frequentemente apontada como um factor explicativo da evolução muito contida dos preços de importação de manufacturas. Este impacto nos preços está relacionado com um simples efeito de composição: os produtos com preços mais baixos provenientes de alguns países em desenvolvimento aumentaram o seu peso no total das importações, baixando os valores unitários de importação.

O Quadro 2 apresenta o peso nas importações portuguesas de manufacturas de 41 países considerados como de custos baixos, para o período de 1998 a 2006³. Este peso registou um aumento (em especial nos anos mais recentes), o qual foi comum a todos os produtos, com a excepção dos “Alimentares e bebidas”. Os têxteis, vestuário e calçado foram os grupos de produtos onde o peso das importações dos países de baixos custos registou o valor mais elevado (cerca de 16 por cento em 2006). O item “Minerais e produtos metálicos” também apresentou um peso superior a 10 por cento em 2006.

Atendendo à evidência de um crescimento contido dos preços de importação e em linha com alguns estudos disponíveis para outros países [veja-se Kamin *et al* (2004), Røstøen (2004), Sveriges Riskbank (2005), Bank of Finland (2006), Glatzer *et al* (2006) e ECB (2006)], procedeu-se à estimação do efeito directo dos países de custos baixos nos preços de importação de manufacturas de Portugal. Para tal calcularam-se índices tipo Paasche para cada um dos grupos de produtos considerados, utilizando-se valores unitários com o maior detalhe disponível (Nomenclatura Combinada a 8 dígitos)⁴. Esta informação cobre cerca de 8000 produtos diferentes, procedendo-se a uma exclusão de outliers definidos como os itens cujo valor unitário registe um crescimento anual maior do que 100 por cento ou uma diminuição superior a 50 por cento. Posteriormente calculou-se um deflator excluindo os países considerados como de baixos custos. A diferença entre estes dois deflatores de importação (o total e o que exclui os parceiros de baixos custos) é usada como uma medida do efeito directo das importações provenientes dos países de baixos custos. Naturalmente, esta decomposição aritmética deverá ser interpretada com cuidado, constituindo provavelmente um limite inferior para o verdadeiro

(3) Como critério de selecção, consideraram-se os países com um nível de preços inferior a 75 por cento do valor estimado para Portugal. Com base em dados de paridade de poder de compra publicados no *World Economic Outlook* do Fundo Monetário Internacional para o período 1995-2006, 41 países foram classificados como de baixos custos de produção: Albânia, Argélia, Argentina, Bangladesh, Bielorrússia, Bolívia, Brasil, Bulgária, Camarões, China, Colômbia, Costa do Marfim, República Checa, Egipto, Estónia, Hungria, Índia, Indonésia, Kazquistão, Quênia, Kyrgistão, Letónia, Lituânia, Macedónia, Malásia, Marrocos, Nigéria, Paquistão, Paraguai, Peru, Filipinas, Polónia, Roménia, Rússia, República da Eslováquia, Sri Lanka, Tailândia, Tunísia, Turquia, Ucrânia e Vietname.

(4) Os valores unitários podem divergir dos dados oficiais para os deflatores do comércio externo – a diferença mais importante é que, os valores unitários não são sujeitos a ajustamentos de qualidade. No entanto, este problema é minimizado (mas não resolvido) quando se utiliza um elevado nível de desagregação.

Quadro 2

PESOS DOS PAÍSES DE BAIXOS CUSTOS NAS IMPORTAÇÕES PORTUGUESAS DE MANUFACTURAS											
Em percentagem											
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	Média	Variação (em p.p.)
Total manufacturas	5.8	5.4	6.3	6.5	6.8	6.8	6.9	7.5	8.6	6.7	2.9
Alimentares e bebidas	8.7	8.8	7.4	7.2	6.4	7.5	7.5	7.7	7.5	7.6	-1.3
Têxteis, Vestuário e calçado	13.3	11.9	13.0	14.7	13.0	13.4	14.5	14.7	16.1	13.8	2.8
Madeira, cortiça e papel	6.0	6.9	6.9	6.9	7.5	6.8	9.2	8.5	7.6	7.4	1.7
Produtos químicos	2.3	2.4	3.4	3.3	3.3	3.2	3.5	4.5	4.6	3.4	2.3
Artigos de borracha e de matérias plásticas	3.8	4.1	4.2	4.3	4.3	5.1	5.1	5.5	6.2	4.7	2.5
Minerais e produtos metálicos	7.0	7.2	8.0	8.8	9.5	10.3	9.1	11.8	13.8	9.5	6.8
Máquinas e equipamentos	3.3	3.2	3.5	3.2	4.6	4.3	4.5	5.0	6.4	4.2	3.1
Material de transporte	3.9	3.4	6.7	7.3	8.0	7.0	6.9	6.5	7.9	6.4	4.0
Outros produtos	6.6	6.7	8.0	7.8	7.9	8.4	9.4	9.5	9.7	8.2	3.1

Fonte: INE.

efeito dos países de custos baixos nos preços de importação. Em primeiro lugar, esta estimativa é apenas uma aproximação do verdadeiro efeito directo, uma vez que não considera os produtos provenientes indirectamente dessas economias de baixos custos mas registados como importações provenientes de outros países. Em segundo lugar, esta medida não incorpora os efeitos indirectos através dos preços de exportação dos restantes países.

O Quadro 3 apresenta uma estimativa do efeito directo nos preços de importação de manufacturas para o período 1998-2006. Como esperado, em termos gerais, esse efeito é negativo, em particular para o período posterior a 2003. O efeito positivo para 2006 é uma excepção, a qual está relacionado com o facto do maior crescimento dos preços de exportação dos países de baixos custos mais do que compensar as pressões descendentes decorrentes do aumento do peso das importações provenientes desses países com níveis de preços mais baixos.

De acordo com estes resultados, as importações provenientes de países de custos baixos contribuíram directamente para uma redução da taxa de crescimento média anual dos preços de manufacturas em cerca de 0.2 p.p. (0.4 p.p. desde 2003). Entre os vários grupos de produtos considerados, este impacto negativo foi mais pronunciado nos têxteis, vestuário e calçado (um valor anual médio de -0.5 p.p.). Este efeito revela-se mais pequeno do que as estimativas obtidas para outros países com o mesmo tipo de metodologia.

Kamin *et al.* (2004) estimam que a China terá tido um efeito negativo de 1 p.p. na taxa de variação média anual dos preços de importação dos EUA no período 1993-2002. Aplicando a mesma metodologia para 26 países, estes autores estimam um impacto da China no crescimento médio anual do preço das importações de cerca de -0.25 p.p. (-0.1 p.p. para Portugal) com impactos mais expressivos de cerca de -1.0 p.p. para os países com mais fortes relações comerciais com a China (EUA, Coreia e Japão).

Outros estudos para alguns países específicos apontam igualmente para efeitos superiores. Bank of Finland (2006) estima que as importações provenientes dos países de baixos custos terão diminuído a taxa de crescimento anual dos preços de importação de bens industriais da Finlândia em aproximadamente 1 p.p. entre 1996 e 2005, em especial após 2000. Glatzer *et al.* (2006) apontam para um impacto anual médio de -0.7 p.p. nos preços de importação de manufacturas da Áustria para o período 1995-2005. Resultados semelhantes são reportados por Sveriges Riskbank (2005) para a Suécia e por Røstøen (2004) para a Noruega. Como seria de esperar, os resultados para a área do euro como um todo apontam para um efeito mais forte, atendendo à exclusão dos fluxos de comércio intra-área e

Quadro 3

EFEITOS DOS PAÍSES DE BAIXOS CUSTOS NOS PREÇOS DE IMPORTAÇÃO

Em pontos percentuais

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	Média
Total manufacturas	-0.4	-0.1	0.5	0.0	-0.1	-0.7	-0.6	-0.4	0.3	-0.2
Alimentares e bebidas	-0.8	-0.1	1.0	0.1	0.1	-0.5	0.1	-0.3	0.4	0.0
Têxteis, Vestuário e calçado	-1.4	-1.1	1.5	0.2	-1.5	-0.7	-0.8	-1.1	0.9	-0.5
Madeira, cortiça e papel	-0.2	0.0	0.7	-0.1	0.0	-0.8	0.9	0.2	0.7	0.2
Produtos químicos	0.0	0.1	0.5	-0.6	-0.2	-0.3	-0.2	0.4	0.3	0.0
Artigos de borracha e de matérias plásticas	-0.1	-0.9	-0.1	0.2	0.2	-1.3	-0.8	0.2	0.4	-0.2
Minerais e produtos metálicos	-0.3	-0.1	0.5	-0.4	-0.2	0.7	1.0	-1.3	-1.3	-0.2
Máquinas e equipamentos	-0.4	0.0	-0.3	0.3	-0.1	-1.1	-1.1	-0.4	0.6	-0.3
Material de transporte	-0.4	0.7	1.2	-0.3	0.2	-1.1	-1.8	-0.1	-0.1	-0.2
Outros produtos	-0.1	0.3	-1.2	0.4	0.3	-1.0	-0.6	-1.3	-0.4	-0.4

Fonte: Cálculos efectuados com base em informação do INE.

logo ao aumento do peso atribuído às importações provenientes dos países de baixo custo: ECB (2006) estima uma significativa diminuição do crescimento dos preços de importação da área do euro, em cerca de 2 p.p. por ano no período 1996-2005.

Como em Kamin *et al.* (2004), o menor efeito directo estimado para Portugal está relacionado com o menor peso das importações provenientes directamente dos países caracterizados por custos de produção muito baixos.

O Quadro 4 compara o peso destes países nas importações de manufacturas de vários países da área do euro. Com efeito, Portugal é o país onde esse peso é menor (tanto em níveis como em termos de variações acumuladas), e essa diferença é basicamente explicada pelo menor peso das importações provenientes da China e dos países da Europa Central e de Leste. Esta diferença assinalável entre Portugal e os restantes países da área do euro pode estar relacionada com algumas características geográficas ou com uma especialização produtiva mais semelhante entre Portugal e esses

Quadro 4

PESOS DOS PAÍSES DE BAIXOS CUSTOS NAS IMPORTAÇÕES DE MANUFACTURAS (PAÍSES DA ÁREA DO EURO)

Em percentagem

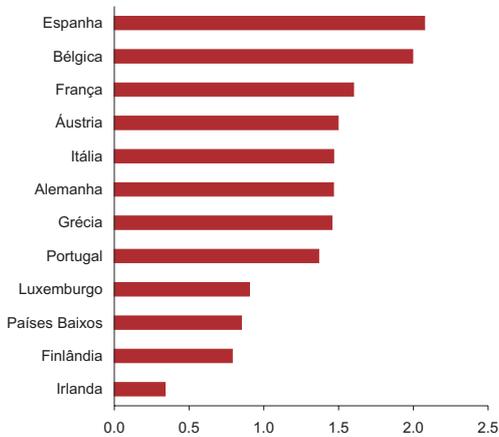
	Total dos 41 países			dos quais					
	1998	2006	variação	Europa Central e de Leste ^(a)			China		
				1998	2006	var	1998	2006	variação
Áustria	9.9	14.3	4.3	8.0	10.2	2.1	1.0	2.8	1.8
Bélgica-Luxemburgo ^(b)	9.0	12.9	3.9	3.0	4.8	1.8	2.3	4.7	2.4
Finlândia	8.8	20.4	11.6	5.6	10.2	4.7	1.7	7.6	5.9
França ^(b)	12.8	20.3	7.5	3.7	7.4	3.7	2.8	5.7	2.9
Alemanha	16.8	24.4	7.6	10.1	13.7	3.6	3.1	7.4	4.3
Grécia	10.6	17.8	7.2	5.2	9.1	4.0	2.5	5.2	2.7
Irlanda	4.6	8.4	3.9	0.9	2.4	1.5	1.5	3.8	2.3
Itália	12.9	23.3	10.4	5.7	10.8	5.2	2.7	7.2	4.4
Países Baixos	11.2	24.4	13.2	3.4	5.1	1.6	2.5	13.1	10.6
Portugal	5.1	8.1	3.0	1.4	3.4	2.0	0.9	1.9	1.0
Espanha	7.5	16.0	8.5	2.0	5.4	3.4	2.4	6.3	3.9

Fonte: World Trade Atlas.

Notas: As diferenças observadas nos pesos para Portugal entre o quadro 2 e o quadro 4 são devidas a diferentes fontes dos dados. (a) Bulgária, República Checa, Estónia, Hungria, Letónia, Lituânia, Macedónia, Polónia, Roménia, Rússia, Eslováquia, Turquia e Ucrânia. (b) Primeiro ano disponível é 1999. No caso da França, os pesos referem-se ao total das importações de bens.

Gráfico 7

PREÇOS DE IMPORTAÇÃO DE MANUFACTURAS
EM PAÍSES DA ÁREA DO EURO
Variações médias anuais: 1998-2006



Fonte: Eurostat (Comext).

países em desenvolvimento [Esteves e Reis (2005)]. No entanto, refira-se que esse menor efeito directo não se traduziu numa evolução diferenciada dos preços de importação – utilizando dados do Eurostat, a taxa de crescimento dos preços de importação de manufacturas em Portugal situou-se próxima da observada para a média dos países da área do euro (Gráfico 7).

5. O SECTOR DO VESTUÁRIO COMO UM CASE STUDY

Atendendo ao seu importante contributo, é importante explorar a evolução dos termos de troca nos sectores tradicionais. Enquanto a descida dos preços de importação é frequentemente relacionada com a crescente concorrência dos países de custos baixos, a evolução diferenciada dos preços de exportação pode constituir um sinal de algumas alterações estruturais.

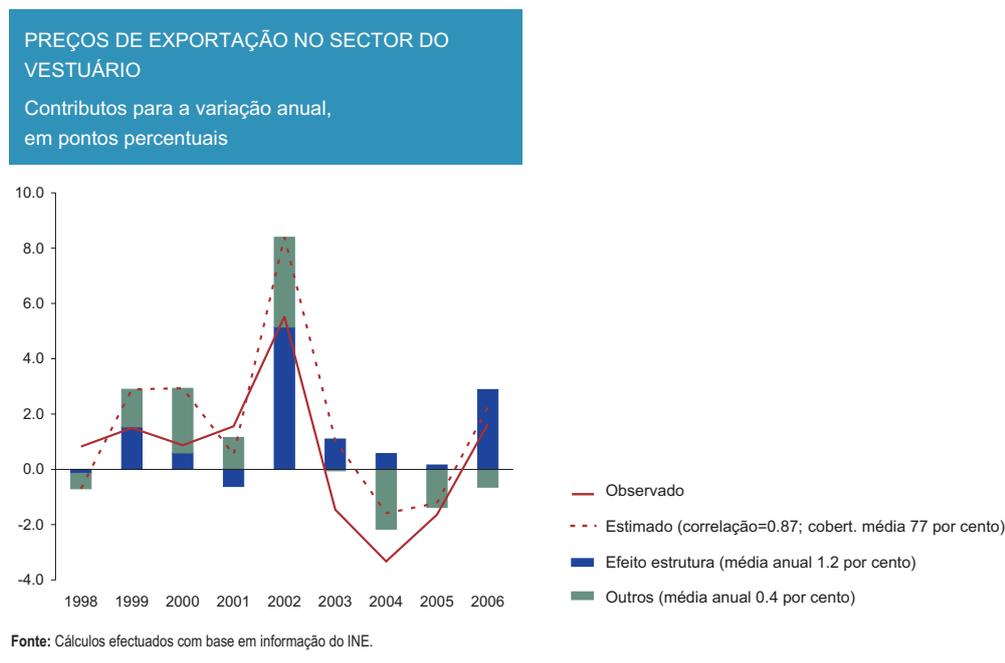
Em termos gerais, a evolução dos valores unitários de exportação pode ser decomposta em: (i) a evolução ponderada dos preços individuais; (ii) as variações de pesos ponderadas pelos níveis de preços; (iii) e um termo cruzado que considera tanto as variações de preços como de pesos.

$$\Delta p = \sum_i \alpha_i \Delta p_i + \sum_i \Delta \alpha_i p_i + \sum_i \Delta \alpha_i \Delta p_i$$

O segundo termo mede um efeito de composição. Uma alteração da estrutura de exportações, no sentido de uma maior especialização em produtos com preços mais (menos) elevados, implica um aumento (diminuição) do preço médio das exportações. O Gráfico 8 apresenta esta decomposição para a evolução dos preços do sector do vestuário, utilizando a informação disponível para cerca de 420 diferentes produtos, tanto em termos nominais como em volume (em Kg)⁵. Os resultados apontam para um efeito de composição positivo, estimando-se um contributo de 1.2 p.p. para a taxa de

(5) Em primeiro lugar, excluíram-se os produtos não exportados em dois anos consecutivos. Os produtos com preços a crescer fora do intervalo (-25%, +25%) ou com quantidades a evoluir fora do intervalo (-50%, +50%) foram igualmente excluídos. Refira-se que o mesmo tipo de exercício foi ensaiado para os sectores dos têxteis e do calçado. No entanto, os dados micro não permitiram reproduzir razoavelmente a evolução dos respectivos preços de exportação. Tal poderá estar relacionado com alguns ajustamentos de qualidade efectuados aquando da produção dos valores oficiais para os deflatores do comércio externo. Em termos gerais, esses ajustamentos não são possíveis de reproduzir, devendo ser particularmente importantes nos sectores com menor homogeneidade de produtos.

Gráfico 8



crescimento anual dos preços de exportação do sector de vestuário. Este resultado sugere alguma recomposição deste sector, no sentido de um aumento do peso relativo dos produtos com preços mais elevados, através de uma descida das exportações de produtos de gama mais baixa e de um redireccionamento da produção para gamas de qualidade mais elevadas. A informação utilizada não permite concluir qual destes dois efeitos de composição foi preponderante. De qualquer forma, o facto destes sectores terem registado quebras de produção nos anos mais recentes sugere que uma parte desse efeito de alteração de estrutura possa estar relacionado com alguma destruição de produção de produtos de gama mais baixa.

6. CONCLUSÕES

Este artigo analisa a evolução recente dos termos de troca de Portugal. Esta evolução é enquadrada numa perspectiva mais histórica e comparada com a verificada nos países da OCDE. Posteriormente, em linha com a abordagem apresentada em Baxter e Kouparitsas (2006), a variação de termos de troca é decomposta em dois efeitos: a primeira componente mede o efeito da especialização de cada país nos vários sectores; a segunda componente está relacionada com diferenças entre preços de exportação e de importação para cada tipo de produto.

Os resultados mostram que a evolução dos termos de troca foi dominada pelos efeitos de especialização relacionados com os preços dos energéticos. Excluindo os energéticos e considerando apenas bens manufacturados, o aumento dos termos de troca está fortemente relacionado com um aumento dos preços relativos em diversos grupos de produtos, em particular nos designados sectores tradicionais: têxteis, vestuário e calçado. Os resultados sugerem que o recente aumento dos termos de troca possa estar associado, entre outros, a dois factores.

O primeiro é a crescente integração dos países de baixos custos nos mercados internacionais. O ganho de termos de troca verificou-se na generalidade dos países da OCDE a partir dos anos 90, quando se começou a verificar esse significativo aumento da concorrência internacional. Mais ainda, a

importância da globalização é reforçada pelo facto desse ganho de termos de troca estar relacionada com uma evolução muito contida dos preços de importação. Vários estudos empíricos apontam o aumento da concorrência por parte de países de baixos custos de produção como uma explicação para essa evolução dos preços de importação [ver, por exemplo, Kamin e tal. (2004) e ECB (2006)]. No caso de Portugal, este efeito negativo nos preços de importação foi particularmente evidente nos sectores habitualmente designados como tradicionais (têxteis, vestuário e calçado), isto é nos sectores onde o peso das importações dos países de baixos custos registam os níveis mais elevados e onde os preços de importação deram o contributo mais importante para a subida dos termos de troca.

O segundo factor é mais específico de Portugal, estando relacionado com o aumento dos termos de troca nos sectores mais tradicionais. Em linha com resultados recentes para a evolução do emprego e dos salários no sector dos têxteis [ver Banco de Portugal (2007)], existe evidência de que o preço das exportações do sector de vestuário terá sido influenciado por um efeito de composição, o qual poderá estar também relacionado com a crescente concorrência internacional. Este fenómeno de integração traduziu-se numa progressiva mudança nas vantagens comparativas globais, implicando não só um redireccionamento de alguma produção para produtos de qualidade mais elevada, mas também uma quebra do peso das exportações de produtos de gamas mais baixas. Os resultados apresentados não permitem concluir qual dos dois efeitos de composição terá sido o mais importante.

REFERÊNCIAS

- Bank of Finland (2006), "Finish import prices and globalization", *Bank of Finland Bulletin*, 3/2006, Box 7, pp.58-59.
- Backus, D. e M. Crucini (2000), "Oil Prices and the Terms of Trade", *Journal of International Economics* 50, 185-213.
- Banco de Portugal (2007), "Recent wage developments: composition effects and rigidity measures", *Banco de Portugal Annual Report*, 2006, Box 3.1.
- Baxter, M. e M. A. Kouparitsas (2006), "What Can Account for Fluctuations in the Terms of Trade?", 0; *International Finance*, Volume 9, Number 1, 63-86.
- Esteves, P. S. e C. Reis (2005), "Measuring export competitiveness: revisiting the effective exchange rate weights for the euro area countries", *Banco de Portugal Working Papers*, 11, May 2006.
- ECB (2006), "Effects of the rising trade integration of low-cost countries on euro area import prices", *ECB monthly Bulletin*, August 2006, Box 6, pp. 56-57.
- Glatzer, E., E. Gnan e M. T. Valderama (2006), "Globalization, Import Prices and Producer Prices in Austria", *Oesterreichische Nationalbank Monetary Policy & the Economy*, Q3/06.
- Gutman, P. (1981), "The measurement of terms of trade effects", *Review of Income and Wealth* 27 (4), 433-453.
- Kamin, S. B., M. Marazzi e J. W. Schindler (2004), "Is China exporting deflation?", Board of Governors of the Federal Reserve System, *International Financial Discussion Papers*, No 791.
- Pinheiro, M. (coord.) (1999), "Historical series for the Portuguese economy post II World War, Vol. I – statistical series, revised and enlarged version for 1994 and 1995", Banco de Portugal.
- Røstøen, J. (2004), "External price impulses to imported consumer goods", *Norges Bank Economic Bulletin* 3/2004, pp. 96-102.
- Sveriges Riskbank (2005), "Why are Swedish import prices so low?", *Inflation Report* 2/2005, pp.42-45.